



CURSO DE APOLOGÉTICA CRISTÃ PARA OBREIROS
2º Semestre de 2017

CATOLICISMO

Pr. Nathanael Rinaldi Filho

“Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Judas 3).

CATOLICISMO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
I – CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	3
II – OS LIVROS APÓCRIFOS.....	5
III – O PAPADO.....	6
IV – O MARIOCENTRISMO CATÓLICO ROMANO (MARIOLATRIA).....	9
V – OS PECADOS DA SANTA SÉ.....	15
VI – OS SACRAMENTOS	16
VII – A MISSA	19
VIII – OS SANTOS	19
IX – IDOLATRIA	20
X – INDULGÊNCIAS	25
XI – PURGATÓRIO	26
XII – RENOVAÇÃO CATÓLICA CARISMÁTICA	26
XIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
CONCLUSÃO	29

CATOLICISMO

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica Apostólica Romana, ou catolicismo romano, é um dos três ramos do Cristianismo, que com os protestantes e ortodoxos formam sem dúvida nenhuma o maior grupo dentro do Cristianismo. É uma religião que influenciou e influencia profundamente o mundo ocidental e a humanidade de modo geral. Não nos deteremos na análise da influência político-social exercida por ela. Infelizmente, em nome de sua tradição contrária às Escrituras, o catolicismo romano sacrificou o autêntico Cristianismo ao longo dos séculos.

Nós, cristãos, devemos amar os católicos, mas não invalidar a verdade bíblica. O apóstolo João declarou que devemos ter amor pela verdade: *“O presbítero à senhora eleita, e a seus filhos, aos quais amo na verdade, e não somente eu, mas também a todos os que têm conhecido a verdade. Por amor da verdade que está em nós, e para sempre estará conosco: A graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor”* (2 João 1-3). O reformador Martinho Lutero concorda com o apóstolo João ao declarar que *‘era maldita’* a união que sacrificasse a verdade.

Antes de continuarmos, é importante observar que as doutrinas comuns entre católicos romanos e evangélicos são muitas, porém, com pesar, dizemos que as divergências que há entre eles e nós, além de também serem muitas, são bastante acentuadas. No entanto, reconhecemos que o catolicismo romano, embora tenha incorporado muitas doutrinas antibíblicas, preservou também doutrinas fundamentais do Cristianismo.

I – CONSIDERAÇÕES GERAIS

1- FONTE DE AUTORIDADE RELIGIOSA: A BÍBLIA E A TRADIÇÃO

A Igreja Católica Romana afirma que a Bíblia, por si só, não constitui todo o campo do conhecimento de Deus, e que por isso deve ser suplementada pelos ensinamentos da tradição. *“As verdades que Deus revelou acham-se na Sagrada Escritura e na tradição”* (Terceiro Catecismo de Doutrina Cristã, Editora Vera Cruz Ltda., 1ª edição, agosto de 1976; resposta à pergunta 870, p. 160).

Respondendo à pergunta de como se pode ter consideração à tradição, foi dito que: *“A tradição deve ter-se na mesma consideração em que se tem a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura”* (Idem, resposta à pergunta 887, p. 162).

Explica a Igreja Católica ainda o que abrange a tradição: *“A tradição é a palavra de Deus não escrita, mas comunicada de viva voz por Jesus Cristo e pelos apóstolos, e que chegou sem alteração, de século em século, por meio da Igreja, até nós”* (Idem, resposta à pergunta 885, p. 162). Continua ainda a esclarecer que *“os ensinamentos da tradição acham-se principalmente nos decretos dos Concílios, nos escritos dos santos padres, nos atos da Santa Sé, nas palavras e nos usos da Sagrada Liturgia”* (Idem, resposta à pergunta 886, p. 162).

Resposta Apologética:

Sabemos que toda instituição possui suas tradições, usos e costumes, e que em alguns casos essa tradição é salutar: *“Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa”* (2Ts 2.15). *“E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim, e retendes os preceitos como vo-los entreguei”* (1 Co 11.2) e: *“Por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia. Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé no amor que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós”* (2 Tm 1.12-14). No entanto, quando essa tradição

contradiz as Sagradas Escrituras, ela deve ser rejeitada: *“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais”* (1 Pe 1.18). A tradição pode tornar-se uma traição ao Evangelho: *“E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus”* (Mt 15.6). E, sem dúvida nenhuma, um outro evangelho como o apóstolo Paulo escreveu: *“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho, além do que já vos tenho anunciado, seja anátema”* (Gl 1.8). A Igreja Católica Romana no Concílio de Tolosa, em 1222, proibiu a leitura da Bíblia aos leigos, passando a tradição a ter mais autoridade que a Palavra de Deus. Essa proibição antibíblica do catolicismo romano nos remete à advertência do Senhor Jesus aos judeus: *“Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos dos homens; porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens; como o lavar dos jarros e dos copos; e fazeis muitas outras coisas semelhantes a estas. E dizia-lhes: Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição”* (Mc 7.7-9). É dever de todo o homem ler a Bíblia. E somos orientados a agir dessa forma pela própria Palavra: (Dt 6.6-7; 31.11-12; Js 1.8; Is 34.16; At 17.11; 2Tm 3.15-17).

Os cristãos evangélicos sustentam que, em matéria de fé e prática, a Bíblia é suficiente. *“Cremos, ser a Bíblia a Palavra de Deus, única regra infalível de fé e conduta para a vida e o caráter cristão”* (Pv 30.5-6; Mt 15.1-3; At 20.27; 1 Ts 2.13; 2 Tm 1.5; 3.15-17). Aceitamos a tradição que confirma, aponta, indica para a Bíblia, que está de acordo com as Sagradas Escrituras, e simplesmente como mero apêndice e nunca igual ou superior à gloriosa Palavra revelada de Deus: *“Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro”* (Ap 22.18-19).

2- A IGREJA ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Não cremos na teoria de que a Igreja tenha apostatado. Jesus garantiu: *“Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”* (Mt 16.18); *“A esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém”* (Ef 3.21). Sempre houve os que rejeitavam a autoridade papal e o padrão imposto pela Igreja, eles eram a Igreja de Jesus Cristo. Dentre eles mencionamos os cátaros, os albigenses, os valdenses. Deus sempre teve testemunhas na Terra (Gn 6.5-8).

3- O CULTO CATÓLICO

Não é necessário sequer estudar os dogmas da Igreja Católica para se perceber seu desvio do Cristianismo autêntico, e para isso basta assistir a uma missa. Todo aquele aparato e ritual é característica do paganismo. Ninguém encontra esse modelo de culto no Novo Testamento. No culto judaico, do Antigo Testamento, havia esse aparato por causa do significado e da simbologia com a vida e obra do Messias, isso está explicado na Epístola aos Hebreus. Além disso, esses ritos judaicos eram realizados apenas no tabernáculo e depois no templo, nunca nas sinagogas. Nada há em comum entre a missa da Igreja Católica e o culto cristão registrado no Novo Testamento. O culto cristão é simples, conforme declara a Bíblia: *“Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”* (1 Co 14.26).

4- CRESCIMENTO QUE ASSUSTA

Não temos a intenção de atacar nenhuma religião. Devemos amar e respeitar os católicos, e ser bons amigos deles. Muitos deles são tementes a Deus e estão preocupados com a sua salvação.

a) *É dever de todos respeitar a religião dos outros.* Evangelizar não é sinônimo de desrespeitar a religião e símbolos sagrados dos outros;

b) *Crescendo pelo poder do Espírito Santo.* A revoada dos católicos para as igrejas evangélicas é grande. Isso tem preocupado o catolicismo romano. Implantaram a Rede Vida, afirmando que a Igreja cresce por meio de estratégias de marketing. Nós crescemos e expandimos pelo poder do Espírito Santo, mesmo sob as perseguições do clero. Jesus disse que quem converte o homem é o Espírito Santo (Jo 16.8-11).

II - OS LIVROS APÓCRIFOS

Os livros apócrifos nunca fizeram parte do Cânon Sagrado dos judeus, isto é, da Bíblia hebraica, até hoje. Esses livros e alguns outros aparecem na Septuaginta. A Bíblia hebraica, ainda hoje, está dividida em três partes: Lei, Hagiógrafos (Escritos Sagrados) e Profetas. Segundo Josefo, era essa a divisão da Bíblia do primeiro século. Essa mesma divisão aparece em Lucas 24.44, sendo que *Salmos* representam os Hagiógrafos. Nesse Cânon não constam os apócrifos.

A palavra apócrifo vem do grego *apochriphos* e significava *escondido, impuro, espúrio* (não legítimo). Em 1546, o Concílio de Trento, convocado pela Igreja Católica, oficializou definitivamente a inclusão, na Bíblia, de sete livros e quatro acréscimos aos livros canônicos, como seguem: Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, 1 e 2 Macabeus.

1- ACRÉSCIMOS

Ao livro de Ester (10.4;16.24); Cântico dos três Santos Filhos ao livro de Daniel, de (3.24-90); História de Suzana ao livro de Daniel (capítulo 13); Bei e o Dragão ao livro de Daniel (capítulo 14).

Esses livros e acréscimos foram denominados *deuterocanônicos* (segundo cânon) pelo referido Concílio, para dar-lhes a legitimidade que até então não possuíam. A primeira edição da Bíblia católico-romana com os apócrifos deu-se em 1592, com autorização do papa Clemente VIII.

2- DIFERENÇAS DE NOMES DOS LIVROS

A lista dos livros da Bíblia Católica comporta 46 (45, se contarmos Jeremias e Lamentações juntos) escritos para o Antigo Testamento e 27 para o Novo:

1.— Gênesis	17.— Tobias	32.— Baruc
2.— Êxodo	18.— Judite	33.— Ezequiel
3.— Levítico	19.— Ester	34.— Daniel
4.— Números	20.— 1 Macabeus	35.— Oseias
5.— Deuteronômio	21.— 2 Macabeus	36.— Joel
6.— Josué	22.— Jó	37.— Amós
7.— Juízes	23.— Salmos	38.— Abadias
8.— Rute	24.— Provérbios	39.— Jonas
9.— 1 Samuel	25.— Eclesiastes	40.— Miqueias
10.— 2 Samuel	26.— Cântico dos Cânticos	41.— Naum
11.— 1 Reis	27.— Sabedoria	42.— Habacuque
12.— 2 Reis	28.— Eclesiástico (ou Sirácida)	43.— Sofonias
13.— 1 Crônicas	29.— Isaías	44.— Ageu
14.— 2 Crônicas	30.— Jeremias	45.— Zacarias
15.— Esdras	31.— Lamentações	46.— Malaquias
16.— Neemias		

Catecismo da Igreja Católica, Edição Típica Vaticana, Editora Vozes e Edições Loyola, SP. 1999, p. 43.

Portanto, a Bíblia católica tem 46 livros no Antigo Testamento (7 apócrifos) e 27 no Novo Testamento, perfazendo um total de 73 livros, diferentemente da Bíblia protestante, que tem 39 livros no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento, somando 66 livros.

Em algumas edições católicas há diferenças de nomes dos livros:

Edição Católica	Edição Protestante
1 Reis	1 Samuel
2 Reis	2 Samuel
3 Reis	1 Reis
4 Reis	2 Reis
1 Paralipômenos	1 Crônicas
2 Paralipômenos	2 Crônicas
1 Esdras	Esdras
2 Esdras	Neemias

III - O PAPADO

1- INSTITUIÇÃO DO PAPADO

Ninguém pode negar a influência político-religiosa do papa entre as nações, mas bíblicamente esse cargo não existe. A teoria de que Pedro foi o primeiro papa não resiste à análise bíblica. A tradição católica romana diz que Pedro foi papa em Roma durante 25 anos.

O catolicismo afirma que *“O Papa, a quem chamamos também Sumo Pontífice ou romano Pontífice, é o sucessor de São Pedro na Sede de Roma, o vigário de Jesus Cristo na terra, e o chefe visível da Igreja”* (Terceiro Catecismo de Doutrina Cristã, Editora Vera Cruz Ltda., 1ª edição, agosto de 1976; resposta à pergunta 191, p. 44).

E mais: *“Um cristão assim, cuja vida é conduzida pelo Espírito, não porá nunca em questão a obediência de vida às diretivas da Igreja ou do sucessor de Pedro, o Cristo visível na terra”* (Sereis Batizados no Espírito, Haroldo J. Rahm, S.J. e Maria J.R. Lamego, edições Loyola, São Paulo 1992, 6ª edição, p. 38).

NOTA: As seguintes expressões sobre o papa contrariam a Bíblia:

- 1 — Sumo Pontífice: Jesus é o Sumo Pastor (1 Pe. 5.4);
- 2 — É a Ponte ou caminho entre nós e Deus (Jo 14.6; 1 Tm 2.5);
- 3 — O Vigário de Jesus é o Espírito Santo e não o papa (Jo 14.16-18);
- 4 — O chefe invisível da Igreja é Jesus. Um Cristo visível só pode ser um falso cristo (Mt 24.23-24; Ef 1.20-22).

2- PRERROGATIVAS PAPAIS

Falando das prerrogativas do papa, o ensino católico é o seguinte:

“Pode errar o papa ao ensinar a Igreja?”

O papa não pode errar; quer dizer, é infalível nas definições que dizem respeito à fé e aos costumes” (Idem, resposta à pergunta 196, p. 45).

NOTA: Todo o homem é falível (Rm 3.3-4; Mt 23.9-11) o único infalível é Jesus, cujas palavras não passarão (Mt 24.35).

3- SUPOSTO APOIO BÍBLICO

Para fazer essas bombásticas declarações, o papa se vale da pessoa de Pedro. Cita a confissão de Pedro em Mateus 16.16-19: “*E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra, será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus*”. Dessa passagem, a Igreja Católica Romana derivou o seguinte raciocínio: Pedro é a rocha sobre a qual a Igreja Católica está edificada.

A ele foi dado o poder das chaves, e, portanto, só ele pode abrir a porta do Reino dos céus. Só ele pode ligar e desligar. Pedro tornou-se o primeiro bispo de Roma e, com isto, distinguiu aquela cidade como o centro do governo eclesiástico e espiritual, que deve reger todas as igrejas em toda parte. Finalmente, por sucessão ininterrupta, toda a autoridade dada a Pedro foi conferida, até nossos dias, à extensa linhagem de bispos e papas, todos vigários de Cristo sobre a Terra (Teoria da Sucessão Apostólica).

4- EXEGESE DE MATEUS 16.16-19: Tu És PEDRO, E SOBRE ESTA PEDRA...

A expressão *sobre esta pedra* relaciona-se com a resposta de Pedro “*Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo*”. É sobre Cristo que a Igreja foi edificada, e não sobre Pedro. Jesus afirmou que Ele mesmo era a Pedra (Mt 21.42). Essa afirmação é uma interpretação veraz do Sl 118.22-24. O próprio Pedro identifica Jesus como a Pedra (At 4.11-12; 1 Pe 2.4-6). Se Pedro foi papa durante 25 anos, então existe algo errado, já que esse apóstolo foi martirizado no reinado de Nero, por volta de 67 ou 68 a.D. Subtraindo desta data 25 anos, retrocederemos ao ano 42 ou 43 a.D. Nessa época não havia ocorrido ainda o Concílio de Jerusalém (At 15), que se deu mais ou menos no ano 48 a.D., ou pouco depois. Pedro participou do Concílio, mas foi Tiago quem o realizou e presidiu (At 15.13-19). Em 58 a.D., Paulo escreveu a epístola aos Romanos. E no capítulo 16 mandou saudação para muita gente em Roma, mas Pedro sequer é mencionado. Por outro lado, Paulo chegou a Roma no ano 62 a.D. e foi visitado por muitos irmãos (At 28.30-31). Todavia, nesse período, não há nenhuma menção a Pedro ou a algum papa. O apóstolo Paulo escreveu quatro cartas de Roma: Efésios, Colossenses e Filemom (62 a.D.) e Filipenses (entre 67 e 68). Pedro não é mencionado em nenhuma delas. Novamente, não se tem notícia desse suposto papa. Assim, não existe fundamento bíblico nem subsídio histórico para consubstanciar a figura do papa. Ainda sobre o poder concedido a Pedro, estaria Jesus outorgando autoridade para que outras pessoas a exercessem de forma singular como outra cabeça da Igreja? Devemos considerar o texto em estudo e seu contexto em relação a:

- a) Enquanto Pedro é mencionado na segunda pessoa (tu), a expressão *esta pedra* está na terceira pessoa.
- b) Pedro (*petros*) é um substantivo masculino, enquanto pedra (*petra*) é um feminino singular. Conseqüentemente, essas palavras não têm a mesma referência. Ainda que Jesus tivesse falado em aramaico, o original grego inspirado traz as distinções.
- c) A mesma autoridade concedida a Pedro por Jesus estende-se também a todos os apóstolos em Mt 18.18.
- d) Pedro não era representante dos demais apóstolos. Em Mt 16.23 encontramos Pedro sendo repreendido por Cristo à parte dos apóstolos. Os demais apóstolos, por sua vez, também foram exortados por Jesus na mesma ocasião. Se Pedro tivesse de fato primazia sobre seus companheiros de ministério, Jesus não o teria repreendido longe deles (vv. 22-23).
- e) O impressionante é que até mesmo certas autoridades católicas estão de acordo que a referência estudada não diz respeito a Pedro, o destaque aqui para João Crisóstomo e Agostinho. Escreveram: “*Nesta pedra, então, disse Ele, a qual tu confessaste. Eu construirei*

minha Igreja. Esta Pedra é Cristo; e nesta fundação o próprio Pedro construiu” (Agostinho - Comentário sobre o Evangelho de João).

Se considerarmos o fato de que Pedro é uma pedra não-angular, assim como alguns não-católicos acreditam, chegamos à conclusão de que ele não era a única pedra na fundação da Igreja. É notável que Jesus deu a todos os apóstolos o mesmo poder para *ligar* e *desligar* (Mt 18.18). Essa autoridade era comum aos rabinos, que tinham o privilégio para *permitir* e *proibir*.

Não se tratava de uma porção de poder concedido somente a Pedro, mas também à Igreja, pela qual proclamamos o Evangelho, o perdão de Deus e seu julgamento aos impenitentes. Em Efésios 2.20 encontramos que a Igreja fora constituída sob a fundação dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a pedra angular.

Assim, *todos* os apóstolos, e não somente Pedro, são a fundação da Igreja. Contudo, o único que tem preeminência sem igual é Cristo, a pedra angular. O próprio Pedro referiu-se ao Senhor Jesus como o fundamento da Igreja (1 Pe 2.7). Os demais crentes, portanto, são as *pedras vivas* (v. 5) nessa edificação.

Não há nenhuma indicação de que a Pedro fosse determinado, acima dos demais apóstolos, um lugar de proeminência na fundação da Igreja. O papel de Pedro no Novo Testamento está longe da reivindicação católica romana que ele tinha e era autoridade sobre seus companheiros. Embora o encontremos como orador principal no dia de Pentecostes, sua atuação no restante do livro de Atos é escassa, sendo ele considerado como *um dos* apóstolos.

De forma muito clara, Paulo falou o seguinte: “*em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos*” (2 Co 12.11). Será que uma leitura mais cuidadosa da carta aos Gálatas fará com que aceitemos que algum apóstolo foi superior a Paulo? Creio que não. Pois Paulo reivindicou para si uma revelação independente dos demais apóstolos (Gl 1.12; 2.2), reconheceu que seu chamado era semelhante ao ministério de Pedro (Gl 2.8), a ponto de usar de sua autoridade para *repreender* Pedro (G 2.11-14).

O fato de Pedro e João serem enviados pelos demais apóstolos a uma missão especial em Samaria demonstra que Pedro não tinha uma posição superior entre eles (At 8.4-13). Se Pedro era superior aos demais, por que é dispensada ao ministério de Paulo uma atenção maior, fato constatado nos capítulos 13 a 28? No primeiro concílio realizado em Jerusalém (At 15) a decisão final não partiu de Pedro, mas sim dos apóstolos e dos anciãos. Além disso, foi Tiago, e não Pedro, quem presidiu o conselho (At 15.13).

Em momento algum, já que era superior aos demais apóstolos, Pedro reivindicou ser pastor das igrejas, antes exortou os presbíteros para que cuidassem do rebanho de Deus (1 Pe 5.1-2). Embora reconhecesse ser *um* apóstolo (1 Pe 1.1), ele não se intitulou *o* apóstolo, ou chefe dos apóstolos. Sabia que era apenas *uma* das colunas da Igreja, com Tiago e João, e não *a* *coluna principal* (Gl 2.9). Contudo, foi falível em sua natureza. Somente a Palavra de Deus é infalível. Isto não quer dizer que ele não teve um papel significativo na vida da Igreja.

Segundo afirmação do catolicismo romano, os *sucessores* de Pedro ocupam sua cadeira. Quando, portanto, analisamos as Escrituras, encontramos critérios específicos para o apostolado (At 1.22; 1 Co 9.1; 15.5-8), de modo que não poderia haver sucessão apostólica no bispado de Roma ou em qualquer outra igreja.

Quanto às chaves entregues simbolicamente a Pedro, elas não significam que ele tinha poder para fazer entrar no céu quem ele quisesse. Essas chaves representam a propagação do Evangelho, pela qual todos os pregadores, e não Pedro apenas, podem abrir as portas dos céus aos pecadores que desejam ser salvos. Jesus foi explícito e enfático ao ordenar a divulgação das boas-novas em Lucas 24.46-47. A mensagem de salvação produz arrependimento. E arrependimento é fé na pessoa e obra de Cristo, ou seja, em sua morte e ressurreição. Pedro abriu as portas do céu para os seus ouvintes no dia de Pentecostes (At 2.37-41); na casa de Cornélio (At 10.42-43).

IV - O MARIOCENTRISMO CATÓLICO ROMANO (MARIOLATRIA)

A Igreja Católica Apostólica romana tributa a Maria, mãe de Jesus, vários títulos e honrarias que pertencem exclusivamente a Jesus Cristo. Com isso não concordam os evangélicos, e isto tem provocado uma animosidade entre católicos e evangélicos, julgando os católicos que os evangélicos desrespeitam Maria, mãe de Jesus. É uma situação que logo vem à baila quando falamos com os católicos sobre Maria. Os evangélicos se esforçam para respeitar Maria dentro do que diz a Bíblia sobre ela, enquanto o ensino católico no Brasil sobre Maria é tão fora da Bíblia que o culto que se presta a Maria pode ser visto como simplesmente Mariolatria. Essa nossa colocação é vista como imprópria pelos católicos, no entanto, a Igreja Romana, na ansiedade de defender e *provar* seus ensinamentos sobre Maria, tornou-se Mariocêntrica, diferente do cristão, que é Cristocêntrico.

A) O Que é ser Cristocêntrico? É ter Jesus Cristo como centro da fé, como a Bíblia Sagrada nos ensina, ter Jesus como único e suficiente salvador, mediador, consolador;

B) O Que é ser Mariocêntrico? É ter Maria como centro da fé, como mediadora, consoladora, intercessora, advogada;

Pode Ser o Cristão Cristocêntrico e Mariocêntrico? Não, ninguém pode servir a dois senhores (Mt 6.24), há um só senhor (1 Co 8.5-6), há um só salvador (At 4.12), há um só mediador (1 Tm 2.5).

Dogma da Igreja Romana Sobre Maria	Ensino da Bíblia Sobre Maria
1- Maria, Mãe de Deus Concílio de Éfeso, 431	1- Maria, Mãe de Jesus (Mt 1.18-25).
2- Maria, Sempre Virgem. Ela teria se mantido nessa condição por toda a vida. Dogma aceito no quarto século.	2- Maria, teve outros filhos (Mt 1.25; Mc 6.3-4; 4.31-35).
3- Maria, Imaculada. Foi concebida e nasceu livre do pecado Original. Dogma declarado pelo papa Pio IX, em 1854.	3- Maria, nasceu sob pecado (Lc 1.47; Rm 3.23; 5.12).
4- Maria, Assunta ao Céu. O corpo de Maria subiu ao céu. Dogma declarado pelo papa Pio XII, em 1950.	4- Maria aguarda a ressurreição (ITs 4.13-18).

Vejamos outros exemplos do mariocentrismo católico:

- Existem mais Igrejas Romanas em honra, louvor, adoração e homenagem a Maria, do que a Jesus Cristo;

- O terço romano: O Rosário se divide em três Terços: Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos. O Terço é um conjunto de Ave Marias e Pai Nossos. São cinquenta Ave Marias rezadas em grupos de dez, que se chamam Mistério. Após cada Mistério segue um Pai Nosso. O Terço é a terça parte do Rosário (*“Rezemos o Terço”, Pe. José Geraldo Rodrigues. Editora Santuário - Aparecida-SP, 1996, pp. 4-5*). Oram mais a Maria que ao Pai.

- Até na idolatria, ou na construção de imagens de esculturas, se faz mais imagens de Maria do que de Jesus Cristo. Os católicos romanos colam mais adesivos de Maria em seus veículos do que os de Jesus.

- Há mais aparições, sonhos, revelações aos adeptos da Igreja Romana de Maria do que de Jesus.

1- A VIRGEM MARIA

O padre católico André Carbonera, em um artigo denominado de *Pascoladas*, declara algo que vai além de uma crítica aos evangélicos, em decorrência da nossa posição bíblica com relação aos títulos e honrarias que os católicos tributam a Maria:

“Muitos afirmam crer em Jesus, mas têm ódio da Mãe do mesmo Jesus... Ah, eu adoro Jesus! Tenho Jesus no meu coração. Jesus é meu tudo. Entretanto, desconhecem, negam, rejeitam e insultam a Mãe de Jesus... em nosso peregrinar terráqueo, quanto mais pistolões houver, melhor! Por que jogar fora, então, aqueles que pedem e rezam por nós, bem pertinho de Deus e de Jesus, como Maria e os Santos? Seria uma inútil auto-suficiência e uma enorme burrice...!”

Primeiramente deixamos claro que não odiamos Maria, mãe de Jesus. Só queremos vê-la no seu próprio lugar indicado na Bíblia. Como poderíamos odiar Maria? É uma acusação sem fundamento. Em toda a literatura evangélica sobre a identidade de Maria, nada pode ser encontrado que possa justificar essa acusação tão absurda. Amamos Maria como a mãe de Jesus, como é apresentada na Bíblia.

Para desfazer esse equívoco, nada melhor do que apresentar o que a Bíblia realmente fala de Maria e depois confrontar com a posição católica sobre Maria.

Para esse confronto vamos examinar o livro “Glórias de Maria” de S. Afonso de Ligório, doutor da Igreja e fundador da congregação do Santíssimo Redentor. O nome da editora é Editora Santuário de Aparecida, onde se situa o Santuário da Conceição Aparecida. Os editores informam que o livro é “*uma das obras mais conhecidas do santo doutor. Um livro que, em 237 anos, teve 800 edições, ainda que marcado pelo tempo, não precisa de justificativas para ser reeditado*”. Abordando o valor do livro o tradutor assim se pronuncia: “*Com as Glórias de Maria ergueu Afonso um perene monumento de seu terno e vivíssimo amor a Mãe de Deus*” (Glórias de Maria, S. Afonso de Ligório, Editora Santuário, Aparecida - SP, p. 13).

Diz ainda o tradutor: “*São freqüentes no presente livro as referências a Revelações. Que pensar sobre tais Revelações? Tais Revelações feitas por Deus mesmo, ou por meio de anjos e santos, são possíveis, são reais, e sempre existiram na Igreja. Pertencem à categoria das graças extraordinárias de Deus*” (Idem, p. 15).

Não pode ser alegado, pois, que se trata de obra não reconhecida pela Igreja Católica Romana.

Nesse confronto verificamos que os títulos e honrarias prestados a Jesus na Bíblia são transferidos a Maria, colocando-a, em diversas oportunidades, como alguém que se deve recorrer, de preferência, à pessoa augusta e soberana de nosso Senhor Jesus Cristo.

1.1. - MARIA É DEUSA PARA OS CATÓLICOS?

Os católicos manifestam seu sentimento de profunda tristeza quando afirmamos que Maria é reconhecida como deusa no catolicismo. Dizem que não estamos sendo honestos nessa declaração, mas os fatos falam por si mesmos. O livro “Glórias de Maria” atribui a Maria toda a honra e toda a glória que a Bíblia confere ao Senhor Jesus Cristo. Chama Maria de onipotente e por outros atributos divinos.

“Sois onipotente, ó Maria, visto que vosso Filho quer vos honrar, fazendo sem demora tudo quanto vós quereis. Os pecadores só por intercessão de Maria obtêm o perdão. Ó, mãe de Deus, vossa proteção traz a imortalidade; vossa intercessão, a vida. Em vós, Senhora, tenho colocado toda a minha esperança e de vós espero minha salvação... Maria é toda a esperança de nossa salvação ...acolhei-nos sob a vossa proteção se salvos nos quereis ver; pois só por vosso intermédio esperamos a salvação” (Glórias de Maria, S. Afonso de Ligório, Editora Santuário - Aparecida - SP, edição de 1989, pp. 76-77,147).

Pedro recomenda: “*Antes cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora, como no dia da eternidade. Amém*” (2 Pe 3.18). Quando conhecemos melhor o Jesus da Bíblia, não podemos concordar com os títulos e honrarias que se prestam a Maria, pois acreditamos que nem mesmo Maria aceitaria a transferência para ela das honras que são exclusivas ao seu Filho - nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

2- POSIÇÃO DE MARIA NA BÍBLIA

Maria procurou interferir na obra salvífica de Jesus por três vezes durante o seu ministério. A primeira vez que Maria assim o fez, foi quando Jesus visitou o templo, na idade de 12 anos. “*E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu, ansiosos, te procurávamos. E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?*” (Lc 2.48-49).

Na segunda vez foi na festa de casamento, em Caná da Galiléia: “*E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora*” (Jo 2.3-4).

E a terceira vez foi em Cafarnaum, quando Jesus estava pregando: “*Chegaram, então, seus irmãos e sua mãe; e, estando de fora, mandaram-no chamar. E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram e estão lá fora. E ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, olhando em redor para os que estavam assentados junto dele disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Portanto qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha mãe*” (Mc 3.31-35).

Quando Jesus foi interrompido no seu discurso por uma mulher que elogiava Maria por lhe ter amamentado e lhe dado à luz, Jesus não elogiou a mulher: “*Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste! Mas ele disse: Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam*” (Lc 11.27-28). Jesus assim falando, afirmou que existe mais bem-aventurança em ouvir a Palavra de Deus e guardá-la do que ter sido filho de Maria.

Em outras ocasiões mencionadas na Bíblia, onde Maria aparece, notamos o seguinte:

1. Maria, ao receber a notícia que seria mãe do Salvador, se pronunciou como necessitada de um Salvador: “*Disse, então, Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador*” (Lc 1.46-47).

2. Quando os magos visitaram Jesus, no seu nascimento, dirigiram-se a Jesus e não a Maria. É o que lemos em Mateus 2.11: “*E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram*”. Como se vê, os magos não adoraram Maria, mas adoraram Jesus.

3. A última referência bíblica a Maria é a que se vê em Atos 1.14, quando ela se encontrava em oração com os demais seguidores de Jesus: “*Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e com seus irmãos*”. Fora isso, nada mais se lê no livro de Atos sobre Maria, assim como em todo o restante do Novo Testamento.

3- TÍTULOS E HONRARIAS

Existem cerca de 150 títulos dados a Jesus Cristo na Bíblia que os cristãos precisam conhecer. Se não todos, pelo menos alguns deles devem ser conhecidos. Certamente isso evitará que aceitemos que os títulos atribuídos a Jesus sejam passados para Maria, sua mãe.

4- CONFRONTO ENTRE A POSIÇÃO DE MARIA NA IGREJA CATÓLICA ROMANA E A POSIÇÃO BÍBLICA

Declarações Blasfemas:

- *“Isso motiva então as palavras de Eádmero ao afirmar que nossa salvação será mais rápida, se chamarmos por Maria, do que se chamarmos por Jesus”* (Glórias de Maria, S. Afonso de Ligório, Editora Santuário - Aparecida - SP, edição 1989, p. 208).

NOTA: Hebreus 7.25 afirma que a nossa salvação é efetuada inteiramente por Jesus.

- *“Há muito tempo teria já cessado de existir o mundo, assevera Fábio Fulgêncio, se não o tivesse Maria sustentado com suas preces”* (Idem, p. 209).

NOTA: Lemos em Hebreus 1.3 que o mantenedor do universo é Jesus. E a Bíblia afirma que o motivo de não sermos consumidos é a Sua misericórdia (Lm 3.22 e Ml 3.6).

- *“Podemos, entretanto, ir seguramente a Deus e dele esperar todos os bens, diz Amoldo de Chartres, agora que temos o Filho como nosso medianeiro, junto ao Pai, e a Mãe como nossa medianeira junto ao Filho. Como poderia o Pai deixar desatendido ao Filho, quando este lhe mostra as chagas recebidas por amor aos pecadores? E como poderia o Filho desatender à Mãe, mostrando-lhe esta os seios que o sustentaram?”* (Idem, p. 209).

- *“Maria livra do inferno a seus devotos. Um verdadeiro devoto de Maria não se perde”* (Idem, p. 182).

- *“É impossível salvar-se quem não é devoto de Maria e não vive sob sua proteção, diz S. Anselmo, e também é impossível que se condene a Virgem, e quem por ela é olhado com amor”* (Idem, p. 183).

NOTA: Em relação a esse ensino, a posição evangélica é a de que *“há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”* (1 Tm 2.5). Ouvindo a Palavra de Deus: *“De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”* (Rm 10.17), o Espírito Santo convence o pecador do pecado da incredulidade (Jo 16.7-9), ele recebe a Cristo como Senhor e Salvador dele recebe o perdão dos pecados e a certeza de que agora é filho de Deus (Jo 1.12; 1 Jo 2.1-2,12; 3.1-3), com direito à herança no céu (Jo 14.2-3). Jesus nos livra da ira vindoura (Mt 25.34; Rm 8.1; Hb 7.25).

No livro *“Sereis Batizados no Espírito”*, Haroldo J. Rahm, S.J. e Maria J.R. Lamego, Edições Loyola, São Paulo 1992, 6ª edição, p. 38, o escritor apresenta as vantagens da renovação carismática para os católicos, ao dizer: *“Nova Apreciação da Igreja, da Liturgia, da Eucarística, de Maria”*.

O Padre Marcelo Rossi declara: *“Maria nunca foi motivo de vergonha para Deus, mas motivo de muita alegria. Em sua humildade, fidelidade e capacidade de amar, tornou-se divina. Encontrou-se a si mesma no mistério profundo do amor do Senhor. Aqui veremos o que fazer para ter contato maior com a nossa Mãe que, em todos os momentos, por sua intercessão, nos guarda em seu coração e nos conduz à santidade”* (Aprendendo a Dizer Sim com Maria, Pe. Marcelo M. Rossi, Editora Vozes, 1998, p. 7).

5- ASSUNÇÃO DE MARIA

O ensino católico é: *“Na festa da Assunção da Santíssima Virgem, a Igreja celebra a morte preciosa e a gloriosa assunção da Virgem Maria ao Céu. Com a alma de Maria foi levada ao Céu também o seu corpo. A assunção de nossa Senhora em corpo e alma ao céu foi definida pelo Santo Padre Pio XII, em 1º de novembro de 1950”* (Terceiro Catecismo de Doutrina Cristã, Editora Vera Cruz Ltda., 1ª edição, agosto de 1976; p. 219, resposta às perguntas 173, 175).

NOTA: Jesus é chamado *as primícias* dos mortos (1 Co 15.20) e a próxima ressurreição, em corpo glorificado, se dará na segunda vinda de Jesus (1 Co 15.22-23, 51-54; 1 Ts 4.16-17).

6- MÃE DE DEUS

O catolicismo romano, contrariando o Evangelho de João 2.1-2 - *mãe de Jesus*, considera Maria como se ela tivesse atributos da divindade, atribuindo-lhe os títulos: co-Redentora; Advogada; Refúgio dos Pecadores; Arca de Noé; Medianeira etc.

Resposta Apologética:

Um dos motivos desse entendimento católico se dá devido à interpretação incorreta do título *Theotókos* (*mãe de Deus*) dado a Maria. No Evangelho de João 2.1-2, diz: *mãe de Jesus*, que na língua grega é *meter ton Iesous*. O título *Mãe de Deus* do grego *Theotókos*, foi dado a Maria no Concílio de Éfeso, em 431 a.C. *Theotókos*, *Deípara*, era menos assustador do que o português *Mãe de Deus*, realçava mais a divindade do Filho do que o privilégio da mãe. Exaltava a pessoa de Jesus, reafirmando sua divindade (basta verificar nos documentos da Igreja *Os Anátemas de Cirilo de Alexandria*, que toda ênfase é dada à pessoa de Jesus).

O importante documento intitulado *Tomo de Leão* declara: *o Senhor tomou da mãe a natureza, não a culpa*. Leão, bispo de Roma (440-461), acreditava que Maria deu a Jesus a natureza humana e não cria na *Imaculada Conceção de Maria*, já que ele acertadamente diz que o Filho não herdou a culpa da mãe.

Finalmente, temos de considerar ainda que o título *Theotókos* foi aplicado como: *“mãe de Deus, segundo a humanidade”*. Assim disse o Concílio de Calcedônia: *“em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado, gerado, segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus [Theotókos]. Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis* (*“Definição de Calcedônia” - 451*). Portanto, o título dado a Maria não teve a intenção de ensinar que, de alguma maneira misteriosa, ela dera luz a Deus; o termo fazia parte de um argumento contra a cristologia duvidosa dos nestorianos. A intenção da mensagem era: *“Maria não deu à luz um mero homem”*. Mas não havia qualquer intenção de ensinar que Maria era a origem da natureza divina de Cristo. Assim sendo, Maria não possui atributos divinos. Os títulos Redentor; Advogado; Refúgio dos Pecadores; Salvador; Mediador etc. são exclusivos do Senhor Jesus (Mt 1.21; 1 Jo 2.1; Mt 11.28-30; Jo 14.6; 1 Co 3.11; 1 Tm 2.5).

7- ORAÇÃO A MARIA

“Sim, desde que Jesus Cristo se dignou escolher Maria por Mãe, estava como Filho realmente obrigado a obedecer-lhe, diz S. Ambrósio. Tem Maria o grande privilégio de ser poderosíssima junto ao Filho, diz Conrado de Saxônia” (Glórias de Maria, S. Afonso de Ligório, Editora Santuário - Aparecida - SP, edição 1989, p. 151).

“Ó Maria, querida advogada nossa, na rica piedade de vosso coração não podeis ver infelizes sem que deles tenha compaixão; e na riqueza de vosso poder junto de Deus salvais a todos quantos protegeis” (Idem, p. 153).

NOTA: A Bíblia aponta Jesus como único advogado (1 Jo 2.1).

“Falai, ó minha Senhora — dir-vos-ei com S. Bernardo, falai, porque vosso divino Filho vos escuta, e tudo o que lhe pedirdes vo-lo concederá. Ó Maria, advogada nossa, falai então em favor dos miseráveis pecadores” (Idem, pp. 158-159).

NOTA: Nas bodas de Caná Jesus não atendeu a sua mãe (Jo 2.1-5).

“Rogai, pois, ó Maria, rogai por nós; intercedei por nós e sereis atendida e nós seremos salvos com certeza” (Idem, p. 159).

NOTA: A oração deve ser dirigida ao Pai em nome de Jesus (Jo 14.13-14).

Resposta Apologética:

Separadamente da obra redentora efetuada na cruz (Hb 10.20), não há outro modo para quem quer que seja se aproximar de Deus (Jo 14.6). Portanto, orar a Maria “*tem piedade de nós pecadores*” não é somente inútil, é uma blasfêmia. Maria não tem lugar no plano de salvação, a não ser o lugar que lhe coube como mãe de Jesus. Quando o anjo falou a José a respeito de Maria, ele disse: “*E dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados*” (Mt 1.21). Desde que Jesus disse: “*Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora*” (Jo 6.37; Mt 11.28), não há necessidade de que qualquer ser humano, ou mesmo anjo, lembre a Jesus a promessa que nos fez. Orar a Maria é, nada mais nada menos, do que colocar em dúvida a certeza das palavras: *Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores* (Rm 5.8). Antes que a Igreja Católica Romana existisse, já as antigas religiões pagãs tinham suas *Mães Misericordiosas*, por exemplo, a deusa *Kuanyin* dos budistas e a *rainha dos céus* dos babilônios (Jr 7.18; 44.17-23-25). A assunção de Maria se dará com a de todos os crentes por ocasião do arrebatamento na segunda vinda de Jesus (1 Co 15.51-54; 1 Ts 4.16-17). Cristo é as primícias dos mortos e os que são dele participarão da ressurreição na mesma ocasião (1 Co 15.20-23).

8- PERGUNTAS A SEREM FEITAS AOS CATÓLICOS

1. Como podem os católicos ensinar que Maria foi sempre virgem, quando as Escrituras freqüentemente falam dos irmãos de Jesus? (Mt 12.46; Mc 3.31-35; Lc 8.19,21; Jo 7.3; At 1.14);

2. As palavras “*antes de se ajuntarem*” (Mt 1.18) e: “*E deu à luz a seu filho primogênito*” (Lc 2.7) não implicam que Maria teve outros filhos?

3. Por que ensinam os católicos que Maria foi concebida sem pecado, se a Bíblia declara: “*Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós*” (1 Jo 1.8);

4. Pode oferecer uma prova bíblica ou histórica de que Maria ascendeu ao céu em corpo glorificado?

5. O que diz sobre as palavras de Jesus em Caná da Galiléia: “*Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora*” (João 2.4)?

6. Não disse Jesus sobre Maria, em resposta às palavras de uma mulher da multidão, que dizia “*bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste*”, mas ele disse: “*Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam*” (Lc 11.28);

7. Não disse Jesus: “*Mas, respondendo ele, disse-lhes: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a executam*” (Lc 8.21)?

8. Não repreendeu Jesus os que usam de repetições em suas orações, dizendo: “*E orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos*” (Mt 6.7)?;

9. Por que orar a Maria, quando a Bíblia ensina que Cristo é o mediador entre Deus e os homens (1 Tm 2.5) e o único Advogado para com o Pai (1 Jo 2.1)?

9- OUTROS ENSINOS SOBRE MARIA

a) *Concebida sem pecado*. O dogma da imaculada concepção de Maria foi promulgado em 8 de dezembro de 1854 pelo papa Pio IX, como segue: “*A beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos*

méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano” (Catecismo da Igreja Católica, Editora Loyola. 1999, p. 138).

Resposta Apologética:

Somente Cristo foi assim concebido sem pecado ou imaculado (Hb 7.26). Os demais seres humanos são todos pecadores como lemos no livro de Romanos 3.23: *“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”*. O salmista Davi tinha a consciência do pecado e escreveu: *“Em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe”* (Sl 51.5). Quem nos purifica de todos os pecados é o sangue de Jesus como disse o apóstolo João: *“Mas se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”* (1 Jo 1.7).

b) *Maria não teve outros filhos*. O aprofundamento de sua fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria, mesmo no parto do Filho de Deus feito homem. Com efeito, o nascimento de Cristo não lhe diminuiu, mas sagrou a integridade virginal de sua mãe. A liturgia da Igreja celebra Maria como a *“aeiparthénos”*, sempre virgem (Catecismo da Igreja Católica, Editora Loyola. 1999, p. 138).

O dogma da perpétua virgindade de Maria é muito salientado no culto prestado pela Igreja Católica. Eles consideram uma ofensa a Maria ensinar que ela teve outros filhos.

Resposta Apologética:

A Bíblia menciona os outros filhos de Maria. Em Mateus 1.24-25 lemos: *“E José despertando do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher; e não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus”*. A expressão ‘até que’ de Mateus limita o tempo em que se não deviam conhecer sexualmente José e Maria, podendo fazê-lo depois do prazo imposto pelas conveniências de ordem moral ou religiosa.

Dentre os irmãos de Jesus vêm citados: Tiago, José, Simão e Judas (Mt 12.46; Mc 3.31-35; 6.3; Jo 7.3-5,10; At 1.14). Ora, dizem os próprios evangelistas em outro texto (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13) que Tiago era filho de Alfeu e Maria, parenta da mãe de Jesus. Dizem então que se chamam irmãos de Jesus os que, ao depois, dá explicitamente como filhos de outros progenitores. Trata-se pois - dizem - de primos-irmãos ou outros parentes. Refutando esse argumento, apontamos que há um Tiago menor que está incluído entre os apóstolos. Pois bem, para armar o efeito, fizeram dele um irmão de José, Judas e Simão que se encontram em Mateus 13.55, justamente porque esse Tiago na lista apostólica aparece com o pai indicado - é filho de Alfeu ou Cleofas. Esse Tiago menor, porém, não é o mesmo de Mateus 13.55 e de Atos 1.14. E como se prova isso? Basta ler João 7.3-5 confrontando com João 6.67: *“Disseram-lhe, pois, seus irmãos: sai daqui, e vai para a Judeia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque não há ninguém que procure ser conhecido que faça coisa alguma em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. Porque nem mesmo seus irmãos criam nele”* (Jo 7.3-5). *“Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos?”* (Jo 6.67).

V - OS PECADOS DA SANTA SÉ

O historiador norte-americano Garry Wills, católico praticante, em seu livro *Papal Sin* (Pecado Papal) na primeira parte do livro *“aborda as desonestidades históricas da Igreja, mostrando, em resumo, como a hierarquia católica persiste no apelo à mentira e, por muitos anos, camuflou o comportamento de Pio XII (1939-1958) face ao holocausto, só agora devassado por Corwell. Susan Zucotti (autora de duas pesquisas sobre as relações do Vaticano com o fascismo), Frank J. Coppa (Controversial Concordats: The Vatican’s Relations With Napoleon, Mussolini, and Hitler), Mark Aarons e John Loftus (Unholy Trinity: The Vatican, the Nazis, and the Swiss Banks), e Michael Phayer (The Catholic Church and the Holocaust,*

1930-1965, a ser lançado pela Indiana University Press em setembro). Para Wills, a Santa Sé acumula em seu currículo um formidável acervo de tortuosa interpretação das Sagradas Escrituras, de distorcidas visões da história eclesial, de lamúrias hipócritas e deslavadas mentiras. O culto à Virgem Maria inexistente nas Escrituras e entre os católicos, durante quatro séculos, é apenas um dos muitos abusos históricos que, a seu ver, a Igreja cometeu. Exorbitância cujo ápice teria sido a idolatria à Nossa Senhora de Fátima e aos mistérios a ela ligados, todos “manipulados pela Igreja” para fins políticos — além de discutíveis, à medida que dois deles referiam-se a previsões (supostamente feitas em 13 de julho de 1917) de fatos já ocorridos ou em andamento (uma nova guerra mundial, um novo papa) quando sua única testemunha viva, Lúcia, tornou-as públicas, em 1941 - O Estado de S. Paulo - D-17— Sábado, 5 de agosto de 2000”.

“O culto aos santos só começa a partir de cem anos aproximadamente, depois da morte de Jesus, com uma tímida veneração aos mártires. A primeira oração dirigida expressamente à Mãe de Deus é a invocação *Sub tuum praesidium* formulada no fim do século 3, ou mais provavelmente no início do século 4. Não podemos dizer que a veneração dos santos — e muito menos a da Mãe de Cristo — faça parte do patrimônio original” (O Culto a Maria Hoje, vários autores sob a direção de Wolfgang Beinert, Edições Paulinas, 1980, 3ª edição, p. 33).

VI - OS SACRAMENTOS

“Pela palavra sacramento entende-se um sinal sensível e eficaz da graça, instituído por Jesus Cristo, para santificar nossas almas” (Idem, resposta à pergunta 516, p. 100).

“Os sacramentos são sete: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Penitência, Extrema-unção, Ordem e Matrimônio” (Idem, resposta à pergunta 519, p. 101).

“Quais são os sacramentos mais necessários para nossa salvação?”

Os sacramentos mais necessários para nossa salvação são dois: o batismo e a penitência; o batismo é necessário absolutamente para todos, e a penitência é necessária para todos aqueles que pecaram mortalmente depois do batismo.

Qual é o maior de todos os sacramentos?

O maior de todos os sacramentos é o sacramento da Eucaristia, porque contém não só a graça, mas também o mesmo Jesus Cristo, autor da graça e dos sacramentos” (Idem, p. 104).

1. BATISMO

“O batismo é o sacramento pelo qual renascemos para a graça de Deus e nos tornamos cristãos. O sacramento do batismo confere a primeira graça santificante, que apaga o pecado original e também o atual, se o há; perdoa toda a pena por eles devida; imprime o caráter cristão; faz-nos filhos de Deus, membros da Igreja e herdeiros do Paraíso e torna-nos capazes de receber os outros sacramentos. O batismo é absolutamente necessário para a salvação, porque o Senhor disse expressamente: “Quem não renascer na água e no Espírito, não poderá entrar no reino dos céus”. Pela palavra sacramento entende-se um sinal sensível e eficaz da graça instituído por Jesus Cristo, para santificar nossas almas” (Idem, resposta às perguntas 549-550, 564, pp.105- 106,108).

Resposta Apologética:

O batismo é uma ordenança de Jesus, mas não um sacramento. Batizamos-nos porque somos salvos, não nos batizamos para sermos salvos (Mt 28.19; Mc 16.15-16). O versículo 16 declara que “quem não crer será condenado” e não quem não for batizado (Lc 5.24-34, 23.43; At 16.30-31). Jesus ensinou sobre as crianças que elas não se perdem (Mt 18.1-4; 19.13-14).

2. CONFIRMAÇÃO OU CRISMA

“A Confirmação, ou Crisma, é um sacramento que nos dá o Espírito Santo, imprime na nossa alma o caráter de soldados de Cristo, e nos faz perfeitos cristãos” (Idem, resposta à pergunta 575, p. 110).

Resposta Apologética:

O Espírito Santo é dado ao que aceita o Senhor Jesus como Salvador (Jo 16.7-9; 14.16-18-26; 16.13-14) e não a incrédulos. Como confirmar o batismo de alguém que não foi bíblicamente batizado? A fé precede o batismo (At 8.36-38) e o batismo precede a fé. Uma criança recém-nascida não tem condições de crer e confessar Jesus como Salvador.

3. EUCARISTIA

Ensinando sobre a Eucaristia, diz a Igreja Católica: *“A Eucaristia é um sacramento, que pela admirável conversão de toda a substância do pão no Corpo de Jesus Cristo, e de toda a substância do vinho no seu precioso sangue, contém verdadeira, real e substancialmente o Corpo, Sangue, Alma e Divindade do mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor, debaixo das espécies de pão e de vinho, para ser nosso alimento espiritual”*. Ensina que na Eucaristia está o mesmo Jesus Cristo que está no céu. Esclarece ainda que essa mudança, conhecida como transubstanciação, ocorre no ato em que o sacerdote, na santa Missa, pronuncia as palavras de consagração: Isto é o meu Corpo; este é o meu sangue.

Deve-se adorar a Eucaristia?

“A Eucaristia deve ser adorada por todos, porque ela contém verdadeira, real e substancialmente o mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor” (Idem, resposta à pergunta 619).

Resposta Apologética:

Esta doutrina é contrária ao bom senso e ao testemunho dos sentidos - o bom senso não pode admitir que o pão e o vinho oferecidos pelo Senhor aos seus discípulos, na Ceia, fossem a sua própria carne e o seu sangue, ao mesmo tempo em que permanecia em pé diante deles vivo, em carne e osso. É manifesto que Jesus, segundo seu costume, empregou uma linguagem simbólica, que queria dizer: este pão que parti representa meu corpo que vai ser partido por vossos pecados; o vinho neste cálice representa meu sangue, que vai ser derramado para apagar os vossos pecados. Não há ninguém, de mediano bom senso, que compreenda no sentido literal outras expressões simbólicas usadas pelo Salvador: *“Eu sou a porta”*, *“Eu sou a videira”*, *“Eu sou o caminho”*. A razão humana não pode admitir, tampouco, o pensamento de que o corpo de Jesus, tal qual se encontra no céu (Lc 24.39; Fp 3.20), esteja nos elementos da Ceia. Como se admitir que Jesus desça aos altares romanistas revestido do corpo que teve sobre a terra, e se deixe prender nos altares católicos?

A Ceia é uma ordenança e não Eucaristia; era usado pão e não hóstia; é um memorial como se lê em 1 Coríntios 11.25- 26; o Senhor Jesus usou muitas palavras de forma figurada: *“Eu sou a luz do mundo”* (Jo 8.12); *“Eu sou a videira verdadeira”* (Jo 15.1). Jesus chamou na última Ceia os elementos de pão e vinho, sem dar qualquer motivo para se crer na transubstanciação. Adorar a Eucaristia é um ato de idolatria.

4. PENITÊNCIA

“A penitência, chamada também confissão, é o sacramento instituído por Jesus Cristo para perdoar os pecados cometidos depois do batismo. Depois de feito o sinal da Cruz, o católico deve dizer: Eu me confesso a Deus todo-poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, a todos os Santos, e a vós, Padre, porque pequei. As obras de penitência podem reduzir-se a três espécies: à oração, ao jejum, à esmola. Os que morrem depois de ter recebido absolvição não vão logo para o céu, vão para o purgatório, para ali satisfazer a justiça de Deus

e se purificarem inteiramente. As almas podem ser aliviadas no Purgatório com orações, com esmolas, com todas as demais obras boas e com as indulgências, mas, sobretudo, com o Santo Sacrifício da missa” (Idem, resposta à pergunta 788, p. 144).

Resposta Apologética:

Não há um só caso na Bíblia de alguém que tenha confessado os seus pecados a homens, ou mesmo aos apóstolos. Em 1 João 1.7-9, João ensinou que devemos confessar nossos pecados a Jesus e que Ele é suficiente para perdoar. Se Pedro estivesse investido do poder de perdoar pecados, por que não pediu a Simão que se ajoelhasse em confissão, para resgate do seu pecado? Exortou a Simão que recorresse a quem tinha tal poder de perdoar pecados (At 8.22). Jesus disse à mulher pecadora *”perdoados são os teus pecados”* (Lc 7.48), não ouviu Ele a confissão da mulher. Jesus ensinou a oração do Pai-nosso ao dizer: *”Perdoa-nos as nossas dívidas, assim, como nós perdoamos aos nossos devedores”* (Mt 6.12). Na celebração da Ceia, Paulo recomendou que cada um de nós fizesse um exame introspectivo (1 Co 11.28).

5. EXTREMA-UNÇÃO

”A extrema-unção é o sacramento instituído para alívio espiritual e também temporal dos enfermos em perigo de vida” (Idem, resposta à pergunta 805, p. 147).

Resposta Apologética:

Em Tiago 5.14-16, se recomenda chamar o presbítero para orar pelo enfermo para sua cura, e não para receber extrema-unção, nem como uma recomendação de que sem ela não se deve proceder o sepultamento cristão.

6. ORDEM

”Ordem é o sacramento que dá o poder de exercitar os ministérios sagrados que se referem ao culto de Deus e à salvação das almas, e que imprime na alma de quem o recebe o caráter de Deus” (Idem, resposta à pergunta 811, pp. 148-149).

Resposta Apologética:

No Antigo Testamento, o sacerdócio era exercido por uma classe especial de homens que eram os descendentes de Arão. Hoje, no Novo Concerto, o sacerdócio é exercido por todos os cristãos e não por uma classe sacerdotal intermediária entre Deus e os homens. O apóstolo Pedro escreveu que *”como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo”* (1 Pe 2.5). *”Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”* (1 Pe 2.9).

7. MATRIMÔNIO

”O matrimônio é um sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, que estabelece uma união santa e indissolúvel entre o homem e a mulher, e lhes dá a graça de se amarem um ao outro santamente, e de educarem cristãmente seus filhos” (Idem, resposta à pergunta 826, p. 151).

Resposta Apologética:

O casamento é uma instituição divina e não um sacramento (Gn 2.18-24; Mt 19.4-6). Pedro foi considerado o primeiro papa e, entretanto, era casado (Mt 8.14-15). Paulo recomenda que o ministro seja casado (1 Tm 3.1-3).

VII – A MISSA

Diz a Igreja Católica: *“A santa missa é o sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo, oferecido sobre os nossos altares, debaixo das espécies de pão e de vinho, em memória do sacrifício da Cruz”* (Idem, resposta à pergunta 652, p. 122).

O livro *“O Terceiro Catecismo de Doutrina Cristã”*, página 124, diz em resposta à pergunta 668: *“É coisa boa rezar também pelos outros, quando se assiste à santa missa; e até o tempo da santa missa é o mais oportuno para rezar pelos vivos e pelos mortos”*.

Diferença entre a Missa e o Sacrifício da Cruz

Explicando a diferença entre a relação que há entre o Sacrifício da Missa e o da Cruz, responde a Igreja Católica: *“Entre o Sacrifício da Missa e o sacrifício da Cruz há esta relação: que Jesus Cristo sobre a Cruz se ofereceu derramando o seu sangue para nós; ao passo que sobre os altares Ele se sacrifica sem derramamento de sangue, e nos aplica os frutos da sua Paixão e Morte”* (Idem, resposta à pergunta 654, p. 123). Quanto à finalidade do Santo Sacrifício da missa, dentre outros, destaca a Igreja Católica: *“Oferece-se a Deus o Santo Sacrifício da Missa para os devidos fins:*

1º — para honrá-lo como convém, e sob este ponto de vista o sacrifício é latrêutico;

2º — para Lhe dar graças pelos seus benefícios, e sob este ponto de vista o sacrifício é eucarístico;

3º — para aplacá-lo, dar-Lhe a devida satisfação pelos nossos pecados, para sufragar as almas do Purgatório, e sob este ponto de vista o sacrifício é propiciatório” (Idem, resposta à pergunta 657, p. 123).

Resposta Apologética:

Em Hebreus, afirma-se diversas vezes que o sacrifício de Cristo foi oferecido uma só vez e não há mais oferta pelo pecado (Hb 9.11-12, 24-28; 10.10-14). Diz mais o escritor bíblico, que onde há remissão de pecados não deve haver mais ofertas pelo pecado (Hb 10.17-18). Apoiando-se em Jo 6.53-56, a Igreja Católica interpreta a referência bíblica como base para o seu ensino. Entretanto, Jesus, referindo-se às palavras que causaram escândalos a seus discípulos, afirmou que essa interpretação não era literal (Jo 6.63), explicando que suas palavras eram espírito e vida, *“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida”*. Considerando o que diz Hebreus 9.22: *“sem derramamento de sangue não há remissão de pecados”*, e que o sacrifício da missa é sem sangue, isto significa a inutilidade do sacrifício da missa.

VIII – OS SANTOS

A Igreja Católica declara que os santos são pessoas que, durante suas vidas praticaram grande piedade e virtude. Essas pessoas, agora no céu, podem responder às nossas orações, e podem ser veneradas, mas não adoradas.

Ensina a Igreja Católica:

“É coisa boa e útil recorrer à intercessão dos santos?”

É coisa utilíssima invocar os santos, e todo o cristão o deve fazer. Devemos invocar particularmente nossos Anjos da Guarda, São José, protetor da Igreja, os Santos Apóstolos, o santo do nosso nome e os santos protetores da diocese e da paróquia” (Idem, resposta à pergunta 339, p. 69).

Resposta Apologética:

Analisando essa prática romanista à luz da Bíblia e da História, fica claro que são práticas pagãs. O papa Bonifácio IV, em 610, celebrou pela primeira vez a festa a todos os santos, e substituiu o panteão romano (templo pagão dedicado a todos os deuses) por um templo *cristão*, para que as relíquias dos santos fossem ali colocadas, inclusive de Maria. Dessa forma, o culto aos santos e a Maria substituiu o dos deuses e deusas do paganismo.

A Bíblia não autoriza a invocação de *santos*. Os discípulos pediram a Jesus que lhes ensinasse a orar, e Jesus não mandou que o fizessem a Maria ou aos santos. Assim diz a Bíblia: *“E aconteceu, que estando ele a orar num certo lugar, quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos. E ele lhes disse: Quando orardes, dizei: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu”* (Lc 11.1-2). Convidou todos a irem até Ele para encontrar descanso para suas almas (Mt 11.28). Com clareza Jesus ensinou que nossa invocação deve ser feita ao Pai, em seu nome como lemos: *“E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei”* (Jo 14.13-14).

Os santos são apenas criaturas e infinitamente menores do que Deus. Não possuem os atributos da eternidade, onipresença, onipotência e onisciência. Não podem ouvir e responder a milhares e milhares de pedidos feitos pelos católicos ao mesmo tempo. Precisariam, para atender a todos os pedidos que lhes fossem feitos, que fossem como Deus, conhecendo os segredos do coração dos homens.

Os cristãos são aconselhados a orar pelos vivos e uns pelos outros (Tg 5.16; Rm 15.30; Ef 6.18-19). É proibido orar a santos e anjos (Cl 2.18; Ap 19.10; 22.8-9; At 10.25-26; 14.11-18). Os santos têm consciência do que ocorre em torno deles no céu (Ap 6.9-11). O processo para canonização é longo. Santo, na Bíblia, é diferente do processo de canonização. A palavra *santo* é relacionada com a palavra *separado*. A raiz significa que os santos são aqueles a quem Deus tem colocado separadamente para seu propósito (1 Co 1.1-2). Um santo, pois, é aquele que aceitou Jesus como seu único Salvador pessoal (Jo 1.12); nascido de novo (Jo 3.3) santificado em Cristo Jesus.

A Bíblia não recomenda orar aos santos mortos. Por que fazê-lo, se temos o Senhor Jesus, que pode socorrer perfeitamente aos que se chegam a Ele (Hb 7.25). Lemos que a purificação dos nossos pecados se dá pelo sangue de Cristo (1 Jo 1.7-9; 2.1-12). No livro de Apocalipse, 7.9-15, João viu uma grande multidão com vestidos brancos mostrando sua purificação pelo sangue de Jesus. Deus não pode perdoar pecados de quem não se arrepende nem aceita a oferta de salvação em Jesus (Mt 11.28-30).

IX – IDOLATRIA

A Igreja Católica Romana insiste em dizer que não comete o pecado de idolatria, quando os católicos se prostram diante da imagem de um suposto *santo*.

Ensina a Igreja Católica:

“Que é ‘idolatria’?

Chama-se idolatria o prestar a alguma criatura, por exemplo, a uma estátua, a uma imagem, a um homem, o culto supremo de adoração, devido só a Deus” (Idem, resposta à pergunta 358).

Como está expressa na Sagrada Escritura esta proibição?

Na Sagrada Escritura está expressa esta proibição com as palavras: Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima, no céu, e do que há embaixo, na terra. E não adorarás a tais coisas, nem lhes dará culto” (Idem, resposta à pergunta 359, p. 74).

“Que diferença há entre o culto que prestamos a Deus, e o culto que prestamos aos santos?”

Entre o culto que prestamos a Deus e o culto que prestamos aos santos há esta diferença: que a Deus adoramos-Lo pela sua infinita excelência, ao passo que aos santos não os adoramos, mas só os honramos e veneramos como amigos de Deus e nossos intercessores junto dEle. O culto que prestamos a Deus chama-se *latria*, isto é, de adoração, e o culto que prestamos aos santos chama-se *dulia*, isto é, de veneração aos servos de Deus; enfim o culto especial que prestamos a Maria Santíssima chama-se *hiperdulia*, isto é, de especialíssima veneração, como Mãe de Deus” (Idem, resposta à pergunta 371, p. 76).

1. ADORAÇÃO PIRAMIDAL

ENTENDENDO A ESTRUTURA PIRAMIDAL DO CULTO DA IGREJA CATÓLICA ROMANA

LATRIA - ADORAÇÃO A DEUS

HIPERDULIA- DEVOÇÃO A MARIA

DULIA - DEVOÇÃO AOS SANTOS E AOS ANJOS

A Dificuldade do Catolicismo Romano para Justificar essa Teoria

Se os católicos romanos se limitassem a exaltar os heróis da fé, e a propô-los como modelo a ser seguido, não haveria nenhum problema. Assim agem também os cristãos genuínos. Infelizmente não é isso que acontece, por mais que os líderes católicos romanos se esforcem nas suas infundáveis apologias. Suas explicações não passam de tentativas vãs e superficiais. Exemplo dessa tentativa é a teoria de três tipos de devoção: *latria*, *hiperdulia* e *dulia*. Perguntamos: qual a diferença que pode haver entre a *dulia* e a *hiperdulia*? Qual a diferença das duas com a *latria*? A realidade é que os três termos se confundem, os dois termos (*dulia* e *hiperdulia*) podem ser envolvidos com a *latria*, e tudo se torna uma distinção que não distingue coisa alguma. Será que as pessoas que se prostram diante de uma imagem da *Conceição Aparecida*, ou de São João ou de São Sebastião ou de Jesus, sabem que estão cultuando em níveis diferentes? Ou para elas é tudo a mesma coisa?

Imagine um católico romano bem instruído que vai para seu culto. Primeiramente ele pretende cultuar São João, então dobra seus joelhos diante da imagem de São João e oferece a *dulia*. Depois ele irá prestar culto a Maria, então ele deixa de praticar a *dulia* e passa a praticar a *hiperdulia* e finalmente ele deseja cultuar a Deus, então ele começa a praticar a *latria*.

Não acreditamos que o povo católico romano saiba diferenciar a *dulia*, a *hiperdulia* e a *latria*, e mesmo que soubesse diferenciá-las, dificilmente conseguiria respeitar os limites de cada uma.

Qual É a Diferença?

Adoração e veneração. Há diferença entre *adorar* e *prestar culto de veneração*? Prostrar-se diante de uma imagem, dirigir a ela orações e ações de graça, fazer-lhe pedidos, cantar-lhe hinos de louvor se não for adoração, fica difícil saber o que o catolicismo romano entende por adoração. Chamar a isso de veneração é subestimar a inteligência humana.

Resposta Apologética:

Definindo a palavra idolatria

Essa palavra vem do grego *eidolon*, *ídolo*, e *latreuein*, *adorar*. Esse termo refere-se à adoração ou veneração a ídolos ou imagens, quando usado em seu sentido primário. Porém, em um sentido mais lato, pode indicar a veneração ou adoração a qualquer objeto, pessoa, instituição, ambição etc. que tome o lugar de Deus, ou que lhe diminua a honra que lhe devemos. Assim, idolatria consiste na adoração prestada a algum falso deus, ou a prestação de

honras divinas ao mesmo. Esse deus falso pode ser representado por algum objeto ou imagem. A idolatria é má, porque seus devotos, em vez de depositarem sua confiança em Deus, depositam-na em algum objeto, de onde não pode provir o bem desejado; e, em vez de se submeterem a Deus, em algum sentido submetem-se a valores representados por aquela imagem.

Na idolatria há certos elementos da criação, que usurpam a posição que cabe somente a Deus. Podemos fazer da autoglorificação a um ídolo, como também das honrarias, do dinheiro, das altas posições sociais (Cl 3.5). Praticamente, tudo quanto se torne excessivamente importante em nossa vida pode vir a ser um ídolo para nós. A idolatria não requer a existência de qualquer objeto físico. Se alguém adora a um deus falso, sem transformar esse deus em alguma imagem, ainda assim é culpado de idolatria, porquanto fez de um conceito uma falsa divindade. Nesse caso há diferença entre ídolo e imagem.

Deus condenou os ídolos (Sl 115.4-8), e também condenou as imagens (Ex 20.1-6). Era expressamente proibido ao povo de Israel fabricar imagens esculpidas ou fundidas (Êx 20.4; Dt 5.8). Imagens ou representações de deuses imaginários eram feitas em materiais como pedra, madeira, pedras preciosas, argila, mármore etc. A lei mosaica proibia tal ação (Êx 34.17; Is 44.10-18; Lv 19.4). Os profetas condenaram a prática com qualquer forma de idolatria (Is 30.22; 42.17; 45.20; Os 13.2; Hb 2.18). Essa legislação, como é óbvio, impedia que Israel se tornasse uma nação que cultivasse as artes plásticas, embora, estritamente falando, estas não fossem proibidas por lei. Tais leis não se aplicam às artes enquanto os produtos dessa atividade não forem venerados ou adorados. Ainda sobre a imagem, há de se entender que em Êx 25.18.22 Deus ordenou que se fizesse como ornamento e representação algumas figuras, mas não para adoração ou culto, nem para olhar para elas e homenagear ou admirar seus feitos poderosos. Trata-se de figuras de ornamento, artístico e não objetos de culto ou adoração.

A SERPENTE DE BRONZE - Sobre a serpente de bronze, no hebraico, *nachash nechosheth*, dizemos que a expressão é empregada exclusivamente em 2 Reis 18.4 para denotar a serpente feita de bronze, ou melhor, de cobre, por Moisés (Nm 21.4-9). Nossa versão portuguesa diz '*serpente de bronze*'. O motivo para a fabricação da serpente de bronze foi o incidente no qual os israelitas se queixaram diante de Moisés do tratamento imposto por Deus. O povo de Israel, evidentemente, sem se importar muito diante das suas anteriores tragédias, queixou-se de que estava recebendo uma alimentação inadequada. E Deus os castigou com as serpentes venenosas, que já haviam matado muitos israelitas.

Quando o povo se arrependeu, Deus ordenou que Moisés fizesse uma serpente de bronze, que muitos estudiosos preferem pensar que fosse de cobre. Aos israelitas foi prometido que todo aquele que tivesse sido picado por uma serpente, e contemplasse a serpente de bronze movido pela fé, seria curado da mordida da serpente e não morreria. Isso não é culto à serpente, nem veneração nem adoração, o que evidentemente Deus jamais admitiria. Prova disso foi que, posteriormente, indivíduos idólatras e supersticiosos entre os israelitas começaram a adorar a serpente de bronze, até que nos dias do rei Josias essa figura de bronze foi destruída (2 Rs 18.4), por haver-se tornado um objeto idólatra. Josias a chamou de Neustã (pedaço de cobre), dando a entender que a tal serpente era cobre e nada mais.

O fato de o próprio Senhor Jesus comparar a sua morte na cruz ao levantamento da serpente de bronze no deserto, por Moisés, não significa idolatria ou justificativa para colocar objetos ou imagens para veneração ou adoração, já que o uso aqui é figurado. Assim como tantos foram curados de seu envenenamento físico, assim também, em Jesus Cristo, aqueles que olharem para ele, impelidos pela fé, são salvos das eternas consequências do pecado e da morte. Assim, em João 3.14, nas palavras de Jesus, a serpente de metal torna-se um símbolo de Cristo como nosso Remidor, portanto, ao ser levantado (o que sucedeu na cruz, no caso de

Jesus), Ele atrairia todos os homens a si (Jo 12.32), e a redenção por Ele preparada provê cura para o pecado e para a morte espiritual produzida pelo pecado.

Há também casos de ornamentação do templo de Deus ricamente construído por Salomão, como (1 Rs 6.23-30; 2 Cr 3.10-14) ou ainda a profecia da restauração do templo (Ez 41.17-20). Porém, todos esses objetos e imagens não eram para invocação, intercessão, culto ou adoração, mas eram apenas um ornamento.

Assim, um ídolo representa alguma divindade, ou então é aceito como se tivesse qualidades divinas por si mesmo. Em qualquer desses casos, aquele objeto recebe adoração. Contudo, é possível haver uma imagem, sem que essa seja adorada, como no caso dos querubins que havia no templo de Jerusalém. Sem dúvida, esses querubins não eram adorados, nem eram padroeiros dos hebreus, nem intercediam por eles, nem eram recordação de alguém que eles amavam, tornaram-se uma exceção acerca da proibição de imagens. Uma imagem também pode ser um amuleto que é concebido como dotado de alguma forma de poder para proteger, ajudar ou permitir alguma realização.

E, naturalmente é possível a posse de uma imagem esculpida ou pintada, representando algum santo ou herói, religioso ou não, sem que a mesma seja adorada, por ser apenas um lembrete de que se deveria emular as qualidades morais e espirituais de tal pessoa. Por outro lado, quando tais imagens são *veneradas*, então é provável que, na maioria dos casos, esteja sendo praticada a idolatria. As estátuas dos heróis no Brasil são comuns, mas nunca veneradas como deuses ou poderes divinos, nem se fazem elaboradas cerimônias ou procissões com elas. Eles são lembrados como grandes mestres, cidadãos, líderes, e suas imagens são apenas memoriais desse fato.

O problema do catolicismo romano é que o fiel crê na intercessão feita por aquele santo representado na imagem, pensam que o espírito daquele santo pode ajudar, proteger, guardar etc. daí todo tipo de objeto e representação material daquele santo passa a ser venerado, cultuado,orado, e isso é idolatria. Além disso, as imagens desses santos são *veneradas* ou *adoradas*, mediante alguma forma de cerimônia que supostamente lhes transmitem a honra e reverência do povo. Ora, se a imagem é apenas uma '*recordação dos nossos irmãos de fé*', então por que se presta consagração à imagem, se faz procissão, se oferece flores, se beija, curva-se diante dela? Por que se ora a ela, faz-se pedidos, faz-se poesias e cânticos a ela? Assim sendo, a declaração católica romana de que *a honra devolvida nas santas imagens é uma veneração respeitosa, não uma adoração*, parece mais com uma charada teológica ou talvez o desejo de errar (G1 6.7).

A Igreja Romana tem ensinado há séculos que os santos e Maria intercedem pelos fiéis. Ora, se eles estão mortos e seus espíritos são invocados, isso é invocação de pessoas que já morreram e isso é pecado (Is 8.19). Isso parece mais com espiritismo que com Cristianismo. Além do mais "*há um só mediador ou intercessor entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem*" (1 Tm 2.5).

Os católicos romanos insistem em dizer que não adoram nenhuma imagem, nenhum objeto e nenhuma pessoa humana, mas só a Deus, porém, na prática não é isso que se verifica. Os intelectuais romanistas, tal como seus colegas budistas, dizem que as imagens de escultura são apenas memórias de qualidades dignas de emulação, de santos ou heróis espirituais, o que, presumivelmente, ajudaria os religiosos sinceros a copiarem tais virtudes. Entretanto, o povo comum não é sofisticado o bastante para separar a imagem da adoração à autêntica distinção entre a adoração e veneração. O resultado disso é que a idolatria tornou-se muito comum na Igreja Católica, tanto no Oriente como no Ocidente.

De acordo com a teologia católica, a imagem seria apenas um memorial de alguma verdade ou pessoa espiritual; e a veneração assim prestada seria dirigida àquela verdade ou pessoa, e não à imagem propriamente dita. Entretanto, no nível popular, as pessoas realmente

veneram as próprias imagens, e a cuidadosa distinção entre adoração e veneração é forçada ao máximo, para dizermos o mínimo. Na verdade, a veneração de imagens, nas igrejas ocidentais e orientais, que foi tão vigorosa e corretamente repelida pela Reforma Protestante, é precisamente aquilo que os judeus e os islamitas diziam - é idolatria. Esse é um dos maiores escândalos da cristandade. Teólogos católicos romanos têm chegado ao extremo de afirmar que os objetos materiais assemelham-se a entidades dotadas de espírito, capazes de atuar como pontes de ligação entre o que é material e o que é espiritual. Assim, não se trata apenas da imagem em si, mas o que está por detrás delas. Se os que morreram não podem interceder pelos que estão vivos, nem voltar para a terra (Lc 16.19-31; 1 Tm 2.5; Hb 9.27), como fica a situação dos romanistas que pedem ajuda, proteção e mediação aos santos e Maria? Não estariam eles invocando espíritos? Se os mortos em Cristo estão com Cristo, e os mortos no pecado estão no *Hades*, quem pode responder a essas invocações e orações? Não seriam os espíritos deste mundo, conforme nos escreve o apóstolo Paulo (1 Co 10.14-24 e 1 Co 8.4-6)?

É inevitável que, à proporção que os homens crescem em sua espiritualidade (oração e estudo da Palavra de Deus), que sua abordagem à pessoa de Deus torne-se cada vez mais mística e cada vez menos materialista. Os ritos vão perdendo mais e mais a sua importância, e as imagens terminam por ser abertamente rejeitadas. E, quando se obtém o contato direto com o Espírito Santo de Deus, de tal modo que se estabelece uma comunhão viva entre o Espírito de Deus e o espírito humano, então os homens não mais sentem qualquer necessidade de agência intermediária. Que isso ainda não tenha acontecido, no caso dos católicos romanos e outros, após tantos séculos de existência da Igreja Romana, somente demonstra o fato de que os homens, a despeito de tantas vantagens, não têm progredido muito em sua espiritualidade.

Assim, por trás do ensinamento romanista de que *“a honra devolvida nas santas imagens é uma veneração respeitosa”*, está a intenção de se ver protegido, guardado, ou que o santo representado na imagem venha a interceder pelo pedinte, e isso é pecado de idolatria, pois só há um mediador (1 Tm 2.5) e de feitiçaria, pois os espíritos dos mortos não podem ser invocados pelos vivos (Is 8.19).

“Filhinhos, guardai-vos dos ídolos. Amém” (1 Jo 5.21).

Portanto, idolatria é: *“Prestar culto divino a uma criatura, ou a um objeto fabricado, no qual se supõe haver qualquer coisa de Deus”*. Os católicos procuram minimizar o problema afirmando que não prestam adoração às imagens, mas apenas as veneram.

O Argumento Católico

Defendem-se os católicos, dizendo que Deus mandou fazer dois querubins de ouro e colocá-los por cima da arca da aliança (Êx 25.18-20); que mandou fazer a serpente de bronze (Nm 21.8-9); e que o templo de Salomão foi enfeitado com imagens de querubins, palmas, flores, bois e leões (1 Rs 6.23-35; 7.29). Afirmam que Deus proíbe apenas fazer deuses falsos e adorá-los, mas Ele não proíbe outras imagens.

Os querubins. A passagem bíblica dos querubins do propiciatório da arca da aliança (Êx 25.18-20), advogada pelos teólogos romanistas, não se reveste de sustentação alguma. Porque não existe na Bíblia uma passagem sequer de um judeu dirigir suas orações aos querubins, ou depositar sua fé neles, ou pagar-lhes promessas. Esse propiciatório era a figura da redenção em Cristo (Hb 9.5-9). A Bíblia condena terminantemente o uso de imagem de escultura como meio de cultuar a Deus (Êx 20.4-5; Deuteronômio 5.8-9).

O culto aos santos e a adoração a Maria, à luz da Bíblia, desclassificam o catolicismo romano como religião cristã. É idolatria (1 Jo 5.21). *“Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás”* (Mt 4.10). No Apocalipse de João lemos: *“E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas ele disse-me: Olha não faças tal;*

sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus. Adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Ap 19.10; 22.9). Pedro recusou ser adorado por Cornélio (At 10.25-26).

X – INDULGÊNCIAS

Define a Igreja como indulgência: *“A indulgência é a remissão da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, remissão que a Igreja concede fora do sacramento da penitência* (Idem, resposta à pergunta 793, p. 145).

Ensinando que o papa é o ‘Vigário de Cristo’ e o ‘Cabeça da Igreja’, pode ele sacar do ‘Tesouro da Igreja’ os bens de que a Igreja é depositária. Ela constrói sua doutrina sobre Mt 16.19, onde se lê *“E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra, será ligado nos céus; e tudo que desligares na terra será desligado nos céus”*.

O papa sustenta que tem poder de outorgar qualquer destas indulgências a toda a Igreja, ou a qualquer membro da Igreja individualmente. Em 1903, o papa delegou autoridade a outros sacerdotes, permitindo cardeais outorgarem indulgência por 200 dias, cada um em sua própria diocese; aos arcebispos por cem dias; aos bispos por 50 dias, cada um em sua própria diocese.

OS TIPOS DE INDULGÊNCIAS

Existem modalidades diferentes de indulgências. Quanto ao tempo de duração e quanto ao lugar. Quanto ao tempo de duração, existem indulgências plenárias ou completas, e indulgências parciais. Nas indulgências plenárias ou completas, o pecador é isento das penalidades desta vida e da que há de vir no purgatório. O ensino católico sobre as indulgências plenárias é: *“A indulgência plenária é a que perdoa toda a pena temporal devida pelos nossos pecados. Por isso, se alguém morresse depois de ter recebido esta indulgência, iria logo para o céu, inteiramente isento das penas do Purgatório”* (Idem, resposta à pergunta 798, p. 146). Nas indulgências parciais, a isenção das penas é dada por um tempo determinado de dez, vinte ou trinta dias.

Quanto ao lugar, as indulgências universais são para uso de todas as Igrejas em toda parte. As indulgências particulares são para uso da igreja específica ou de relicários.

Resposta Apologética:

A Bíblia afirma que após a morte segue-se o juízo (Hb 9.27). Como afirmamos, existem dois lugares apontados para depois desta vida, e num desses dois todos os homens se encontrarão. Jesus falou do céu ao afirmar: *“Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. E falou do inferno, dizendo: Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos... E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna”* (Mt 25.34,41,46). Jesus disse ao ladrão arrependido: *“E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”* (Lc 23.43). À mulher perdida que ungiu os pés de Jesus com suas lágrimas, arrependida dos seus pecados, ele falou: *“E disse-lhe a ela: Os teus pecados te são perdoados. E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa pecados? E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz”* (Lc 7.48-50).

Paulo não esperava o purgatório nem admitia indulgências. Falou o seguinte: *“Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho”* (Fp 1.21).

XI – PURGATÓRIO

A doutrina do purgatório foi aprovada em 1439, no Concílio de Florença, e confirmada definitivamente no Concílio de Trento (1549-1563), mas ela já existia desde 1070. Essa doutrina ensina que os cristãos parcialmente santificados, que são a maioria, passam por um processo de purificação para depois entrar no céu. Essa crença veio do paganismo e é muito antiga, e não há espaço para ela na Bíblia. A Igreja Católica ensina:

“Vão logo para o céu os que morrem depois de ter recebido a absolvição, mas antes de terem satisfeito plenamente a justiça de Deus?”

Não; eles vão para o Purgatório, para ali satisfazerem à justiça de Deus e se purificarem inteiramente” (Idem, resposta à pergunta 787, p. 144).

Em seguida é feita a seguinte pergunta:

“Podem as almas que estão no Purgatório ser aliviadas por nós nas suas penas?”

Sim, as almas que estão no Purgatório podem ser aliviadas com orações, com esmolas, com todas as demais obras boas e com as indulgências, mas, sobretudo, com o Santo Sacrifício da Missa” (Idem, resposta à pergunta 788, p. 144).

Resposta Apologética:

A Igreja Católica descobriu quatro lugares no além: céu, inferno, purgatório e limbo. Para o limbo vão as pobres crianças que morrem sem batismo. Não vão para o inferno, dizem, mas ficam numa sombra eterna, sem penas, sem sofrimentos, mas também sem gozo algum. A Bíblia diz que o batismo não salva ninguém (At 10.47; Ef 2.8-9; Mt 3.15; Tt 3.5). Não ficou satisfeita a Igreja Católica com o que Cristo mencionou: dois caminhos, duas portas, dois fins (Mt 7.13-14; 25.34-46). A Bíblia menciona esses dois lugares depois desta vida: o céu e o inferno, que nas línguas originais bíblicas são assim chamados: *Seol, Hades, Geena* (Lc 16.19-31; 12.4-5). Para o cristão não há mais condenação (João 5.24; Romanos 8.1), pois alcançou justificação pela fé (Rm 5.1). O purgatório do cristão é o sangue de Cristo que nos purifica de todo o pecado (1 Jo 1.7-9).

XII – O MOVIMENTO CATÓLICO CARISMÁTICO

INTRODUÇÃO

Seria correto dizer que o texto de Joel 2.28-29 (citado por Pedro em At. 2.16-18) tenha, por extensão, atingido os católicos romanos? Muitos entendem que sim, outros dizem que não.

Ressaltam os católicos que o seu movimento carismático não deve ser confundido com o movimento carismático das igrejas evangélicas pentecostais: *“não devemos confundir o movimento católico com o pentecostalismo denominacional”* (pág. 196).

1 – HISTÓRICO

A Renovação Católica Carismática começou em Pittsburgh, Estado da Pensilvânia, EUA. No outono de 1966, na Universidade de Duquesne, durante a Convenção Nacional dos Cursilhos, o Movimento Católico Carismático foi desencadeado pelo clero católico, no sentido de dinamizar as práticas católicas. O mentor espiritual foi Edward O'Connor, escritor dos livros *“O Movimento Pentecostal na Igreja Católica”* e *“Pentecostes e Catolicismo”*. Seus auxiliares neste trabalho foram dois professores leigos de teologia, Ralph Kefer e Bill Storey, que fizeram uma busca espiritual que os levou a ler os livros *“A CRUZ E O PUNHAL”*, de David Wilkerson, e *“ELES FALAM EM OUTRAS LÍNGUAS”*, de John Sherrill. Depois de ler esses livros, os dois homens começaram a procurar pessoas na região de Pittsburgh que tivessem recebido o batismo no Espírito Santo, com acompanhamento de línguas. Com o tempo, e com a ajuda de um sacerdote da Igreja Episcopal, entraram em contato com um grupo de oração liderado por

presbiterianos. Nesse grupo de oração pentecostal Kefer e Storey foram batizados com o Espírito Santo e falaram em línguas. Daí o movimento propagou-se nas seguintes escalas:

1967 – Universidade de Notre Dame (1.000 pessoas presentes)

1973 – Oitavo Congresso Internacional Sobre Renovação Carismática, com a presença de 30.000 pessoas representando 40 nações.

2 – O NOME

A palavra 'carismático' vem da palavra grega 'charisma' que significa um dom ou dádiva.

À medida que esses buscadores católicos oravam até alcançar o Pentecostes, muitas coisas semelhantes às dos pentecostais clássicos começaram a acontecer. Gritar louvores ao Senhor, chorar e falar em línguas caracterizaram este início do movimento na Igreja Católica, e foram então chamados *católicos pentecostais*, pelo público e pela imprensa, quando as notícias sobre os estranhos eventos em Pittsburgh se espalharam.

Por volta de 1974, o movimento abandonou a denominação *católicos pentecostais* e adotou outro, *CATÓLICOS CARISMÁTICOS*, e o movimento passou a chamar-se *RENOVAÇÃO CATÓLICA CARISMÁTICA – RCC*, para não serem confundidos com os crentes pentecostais. Com o tempo, a hierarquia católica começou a dar algumas diretrizes ao movimento para que se tornasse mais católico. Entre essas diretrizes estava uma ênfase maior na participação da missa, na eucaristia e na veneração à Maria.

3 – NO BRASIL

No Brasil, o movimento carismático teve início com o padre jesuíta Harold J. Rahm e a cidade escolhida foi Campinas. A estratégia de se começar o movimento carismático nessa cidade do Estado de São Paulo se prende ao fato de lá se concentrarem muitos missionários evangélicos norte-americanos, que ofereciam uma ameaça às tradições católicas campineiras. De Campinas o movimento carismático se espalhou para todo o Brasil.

A CNBB deu apoio à RCC, e estabeleceu condições para continuar apoiando esse movimento, num documento intitulado "*Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*", publicado em 1994. Dentre essas orientações destacamos as seguintes:

"A fidelidade dos grupos à doutrina da Igreja...";

"Devoção a Maria: a Renovação Carismática tem um cuidado especial com a devoção à Nossa Senhora, até pela necessidade de expressar sua identidade católica diante dos evangélicos. A devoção à Maria, nas suas várias formas, tem sido um canal privilegiado para a evangelização popular" (O Fenômeno Religioso, p. 33,34, Cadernos Catequéticos nº 7).

4 – OBJETIVO

A RCC tem como objetivo segurar o católico dentro da sua própria Igreja e restaurar suas práticas e credências. Assim, a RCC não está interessada em trazer o povo para uma vida nova em Cristo, mas em torná-lo católico praticante, ter orgulho de ser católico: "Sou Feliz Por Ser Católico". Vejamos a confissão dos objetivos da RCC:

"Um dos efeitos admiráveis da experiência carismática que observei, foi o de muitos padres e freiras que estavam a ponto de abandonar a Igreja, mas que, por meio deste movimento de oração sentiram-se revigorados, acharam nele o que estavam procurando. Tinham ficado desapontados com a Igreja... e agora encontraram uma maneira de se dedicarem de todo o coração..." (A Renovação Carismática e a Experiência Irlandesa, p. 131).

"Um dos mais ricos frutos desse movimento carismático contemporâneo é a união dos cristãos de muitas denominações, no Espírito de Jesus. Episcopais, Luteranos, Presbiterianos, Metodistas, Batistas, Discípulos, Nazarenos, Irmãos, assim como Pentecostais denominacionais

têm se tornado nossos queridos irmãos e irmãs em Cristo, unidos pelo batismo com o Espírito Santo" (Católicos Pentecostais, p. 282, citado in Católicos Pentecostais? Essa não!!!", p. 31).

Essas declarações provam o retorno dos católicos, indiferentes às suas crenças e práticas fora do padrão bíblico. O objetivo do movimento é apenas o *ecumenismo*, e para que esse objetivo fosse alcançado visaram de modo específico os evangélicos pentecostais, duas razões:

a) Dentre os evangélicos, os pentecostais se demonstravam os mais arredios contra a pretensão de promover o ecumenismo proposto pelo Concílio Vaticano II;

b) O interesse evangelístico do povo pentecostal vem afastando muitos católicos da sua grei. O crescimento do povo pentecostal no Brasil causa terrível preocupação à liderança católica.

5 – TESTEMUNHOS

Examinemos os testemunhos encontrados no livro "Católicos Pentecostais":

"Para nós é uma característica geral do batismo no Espírito Santo o fato de aumentar a nossa fé na Igreja Católica Romana e em seu ensino e práticas verdadeiros" (Conforme O Espírito Nos Conduz, p. 142, de Kevin e Doroty Ranagan).

"As orações continuaram, porém, em meio a um alegre bate-papo, um jovem casal permanecia de mãos dadas. Uma moça bebia Coca-cola. Um homem oferecia cigarro a alguém. Quando eles, em seguida, iniciaram um cântico que dizia "...eles saberão que somos cristãos por causa do nosso amor..." senti-me, eu mesma, sendo absorvida por aquilo" (pág.62).

Comentário: Observemos "alegre bate-papo", "jovem casal de mãos dadas", "moça bebendo Coca-cola", "homem oferecendo cigarros". Tudo numa cordial reunião de oração! Isso por ventura inspira? Ajuda na comunhão com Deus?

Ainda bem que o livro expõe que a RCC nada tem a ver com o movimento evangélico pentecostal, pois seria um escândalo um crente ser encontrado fumando, ainda mais numa reunião onde se busca o batismo com o Espírito Santo (Is. 6.3; Jo. 16.8; Gl. 5.22-23; 2Tm. 2.19; 1Pe. 1.16 e Ap. 4.8).

6 – O QUE MUDOU COM A RENOVAÇÃO CATÓLICA CARISMÁTICA?

Mas o que significa, na prática, a Renovação Católica Carismática (RCC) para seus adeptos? Um despertamento para a evangelização? Um reforço para a vida de santificação, como se ensina nos movimentos pentecostais denominacionais? É um abandono da Mariolatria? É um abandono da idolatria? Quais as consequências da experiência carismática romana quanto ao ensino bíblico ortodoxo? A rigor, houve apenas duas mudanças externas:

Na Liturgia

A velha e cansativa liturgia da missa na Igreja Católica foi substituída por uma simulação de um alegre culto evangélico pentecostal: muita música, corinhos, orações, gestos, palmas e muita participação popular. No livro "MISSA DE LIBERTAÇÃO", do padre Marcelo Rossi, Editora Vozes, pag. 36 a 124, encontram-se cerca de 40 cânticos evangélicos.

Na Aparência

Padre jovens e de boa aparência, trabalhando com a ideia de 'orgulho católico': 'sou católico, graças a Deus' ou 'sou feliz por ser católico'. Padres são atletas, e halterofilistas, jogadores de futebol, cantores, e outros artistas, empresários etc. fazem parte dessa nova aparência, fruto da RCC.

Existe um ditado popular "se não podes com o teu inimigo, une-te a ele" e isso tem sido aproveitado pela Igreja Católica para tentar cercear o crescimento dos evangélicos no Brasil e no mundo. Parecem-se com os evangélicos no secundário, mas diferem dos evangélicos no essencial.

7 – PODE UM CATÓLICO SER BATIZADO COM O ESPÍRITO SANTO?

A resposta é não! Um católico praticante de suas doutrinas não pode ser salvo, e consequentemente não pode ser batizado com o Espírito Santo.

E as línguas que os católicos falam?

a) algumas são demoníacas: as línguas que os católicos falam são as mesmas que os espíritas falam.

b) Algumas são meras imitações: mera imitação ou repetição do líder que as orienta para falar em línguas (Nm. 3.4 - fogo estranho).

c) Algumas são misticismo: existem manifestações de línguas entre os mórmons.

Os Católicos Seguem Doutrinas Antibíblicas

Nós, crentes, devemos amar os católicos, mas não invalidar a verdade, pois os católicos, precisam retificar algumas de suas crenças. Lutero dizia que era maldita a união que sacrificasse a verdade. João concorda com ele, pois o amor de João não invalidava a verdade *"eu amo em verdade"* (IIIJo. 1-3).

As doutrinas comuns entre Católicos Romanos e evangélicos são muitas, porém, com pesar, dizemos que as divergências que há entre eles e nós, além de também serem muitas, são bastante acentuadas, conforme vimos nos itens anteriores desta apostila.

XIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Temos nós a certeza de que são verdadeiras as doutrinas que a Santa Igreja nos ensina?"

Sim, temos a certeza absoluta de que são verdadeiras as doutrinas que a Santa Igreja nos ensina, porque Jesus Cristo empenhou a sua palavra, que a Igreja nunca se enganaria" (Idem, resposta à pergunta 862, p. 159).

Comentário: Essa afirmação contraria o que a Bíblia diz em I Timóteo 4.1: *"Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios"*. Como pode uma pessoa apostatar sem nunca antes ter estado na verdade?

Paulo procurava acautelar os moradores de Roma em sua carta dizendo: *"E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles. Porque os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e com suaves palavras e lisonjas enganam os corações dos simples"* (Rm. 16.17-18).

CONCLUSÃO

A Igreja de Jesus Cristo não se define por lugares ou pessoas, mas por princípios de fé e prática, e perdendo estes paradigmas a Igreja Cristã em Roma morre para se erguer uma formidável organização, mas que não passa de uma criação humana, com influências religiosas pagãs.

Hoje o papa procura unir as igrejas em torno de si mesmo, por meio do ecumenismo. Há, porém, os que estão caindo nessa armadilha. O brado da Reforma Protestante *"Sola Scriptura, Sola Gracia, Solus Christus e Sola Fide"* foi um apelo dramático ao retorno às Escrituras Sagradas como única regra de fé e prática. Foi por questionar os dogmas papistas que muitos foram torturados e outros pagaram com a vida. É difícil entender como os herdeiros da Reforma comungam com um Evangelho rejeitado pelos reformadores.

Ademais *"é impossível alguém salvar-se como católico"*. Essa declaração é do falecido ex-padre Aníbal Pereira dos Reis, no livro *"Católicos Pentecostais? Essa Não!!"* (p.4,5). Continua ele:

a) "É totalmente impossível um salvo por Jesus Cristo permanecer católico!!! Jesus Cristo somente salva o pecador arrependido, que confia nEle como seu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR. Jesus nunca salva quem não confia total e exclusivamente nEle;

b) Aceitando-O como ÚNICO REDENTOR, jamais se pode admitir Maria como co-redentora;

c) Aceitando-O como ÚNICO SALVADOR, evidentemente Ele também é o ÚNICO MEDIADOR entre Deus e os homens (ITm. 2.5-6) e não se pode mais tolerar Maria como uma medianeira de todas as graças;

d) Aceitando-O como ÚNICO SALVADOR, cujo sangue nos purifica de todo o pecado (IJo. 1.7), jamais se pode crer no chamado "purgatório";

e) Aceitando Cristo como ÚNICO SALVADOR, em consequência há impossibilidade de continuar a crer no chamado "purgatório", e seria absurdo concordar com o "sulfrágio pelos mortos";

f) Aceitando Jesus como ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, torna-se impossível crer na intercessão dos chamados santos católicos;

g) Aceitando-O como ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR, Ele também se torna SOBERANO SENHOR da nossa vida, e não podemos continuar submissos à autoridade do papa e do bispo".

A Palavra de Deus é categórica: *"Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo"* (II Co. 5.17).

Bibliografia:

"Catolicismo", estudo do Pr. Natanael Rinaldi publicado na coleção Série Apologética, Editora ICP, Vol. I, 2001.

"Renovação Católica Carismática – O Que Não Mudou", estudo do Pr. Natanael Rinaldi.

"O Movimento Católico Carismático", estudo do Pr. Natanael Rinaldi.